

CORREIO NO MUNDO

Tasnim News Agency via Wikimedia Commons



Israel matou comandante da Guarda Revolucionária

Israel diz ter matado comandante Alireza Tangsiri

As forças de Israel mataram na noite de quarta-feira (25) o chefe do braço naval da Guarda Revolucionária, Alireza Tangsiri, o homem responsável por coordenar a militarização e virtual fechamento do estreito de Hormuz. A informação foi dada nesta quinta (26) pelo ministro Israel Katz (Defesa) e ainda não havia sido confirmada pelo Irã, embora até aqui os relatos de inteligência do Estado judeu têm sido acurados. Segundo Katz, um ataque de precisão matou Tangsiri e outros comandantes navais, provavelmente em Bandar Abbas, sede da principal base da Guarda em Hormuz. No Irã, a Guarda Revolucionária é um ente à parte das Forças Armadas, que pelas informações disponíveis estão sendo mais poupadas na guerra lançada pelos EUA e Israel há quase um mês.

Fechamento do estreito de Hormuz

Isso se insere no desejo dos agressores de mudar o regime islâmico, que tem na Guarda seu principal pilar. Os militares fora dela são considerados menos ideológicos e não estão tão imiscuídos na vida política e econômica do país. Tangsiri cuidava da até aqui bem-sucedida tática da teocracia em relação a Hormuz, por onde passavam até a guerra 20% do petróleo e do gás natural liquefeito do mundo.

Sgt. Madelyn Keech/ Força Aérea dos Estados Unidos da América



Ministro da Defesa Israel Katz deu a notícia da morte

Quase 30 petroleiros atingidos

Os iranianos vetam a passagem de navios considerados associados aos inimigos, ameaçando explodi-los, e provavelmente minaram parte da região. Há ainda ameaça de drones subaquáticos, além de aviões-robôs e mísseis. Quase 30 petroleiros e outras embarcações civis já foram atingidas na guerra. Do outro lado, os EUA estão atacando, desde a semana passada, posições iranianas em toda a região, e afirmaram ter afundado mais de 140 navios do Irã. Com mais de 90% do tráfego interrompido, os preços dessas commodities dispararam, pressionando Trump.

Esperança para a paz

O americano tem buscado acalmar o mercado com anúncios atabalhoados de negociações que Teerã ora nega, ora afirma que são recados indiretos passados por terceiros. Mas existe um movimento mínimo em curso, que fez a chancelaria chinesa dizer nesta quinta que há "um vislumbre de esperança" para a paz.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Mediador

Em meio às polêmicas do fechamento do estreito de Hormuz, o Paquistão age como interlocutor, um papel curioso dado que há dois anos o país islâmico estava trocando fogo de fronteira com o Irã. Na quinta, emergiram relatos de que os EUA pediram a Israel para tirar da lista de alvos duas figuras envolvidas nas conversas.

Fora da lista

Uma é o chanceler Abbas Araghchi, nome conhecido no Ocidente por liderar o lado iraniano nas recentes negociações com os EUA para limitar o programa nuclear dos aiatolás, que foram interrompidas pela guerra. Outro é Mohammad Ghalibaf, o presidente do Parlamento, um político de fala dura.

Retórica inflamada

Ghalibaf tem retórica inflamada contra EUA e Israel, mas, ao mesmo tempo, é considerado o principal nome do regime para uma negociação após as mortes do líder supremo, Ali Khamenei, e do mandachuva Ali Larijani em ataques aéreos israelenses. O novo líder, o filho de Khamenei Mojtaba, não foi visto em público até hoje.

Khamenei

Há dúvidas se Khamenei está vivo ou só ferido e escondido. Resta combinar com os persas, contudo, dado que o vaivém de versões até aqui deixou Araghchi apenas confirmando que recebeu informações de uma proposta de Trump para o fim da guerra e a está avaliando, embora não a considere aceitável. Trump agora busca uma forma de encerrar a guerra.

Guerra não parou

Trump quer termos para que possa anunciar como uma vitória. EUA e Israel continuam seus ataques, assim como o Irã mantém a rotina de lançar mísseis e drones contra Israel e países da região. Nesta quinta, duas pessoas morreram em Abu Dhabi atingidas por destroços de um míssil interceptado.

Crítico a Otan

Também numa postagem nesta quinta, o presidente americano reclamou novamente da aliança Otan, cujos membros se recusaram a enviar navios de guerra para apoiar uma reabertura à força de Hormuz. "Não fizeram nada para nos ajudar", disse.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Reprodução



Chavista e sua mulher estão presos há quase três meses

Nicolás Maduro volta ao tribunal em Nova York

Trump promete novas acusações contra o ditador deposto

Por Douglas Gavras (Folhapress)

O ditador deposto da Venezuela, Nicolás Maduro, compareceu nesta quinta (26) a um tribunal de Nova York pela segunda vez desde sua captura na operação militar dos EUA de 3 de janeiro.

A audiência durou pouco mais de uma hora e terminou sem uma decisão a respeito do pagamento da defesa de Maduro e de sua mulher, Cilia Flores, já que as sanções dos EUA proíbem o uso de fundos do regime venezuelano para isso. O casal está detido no Brooklyn há quase três meses e só saiu da prisão antes para a primeira audiência, em que o chavista se declarou "prisioneiro de guerra" e afirmou ser inocente das acusações de tráfico de drogas.

Eles chegaram para a audiência por volta das 12h30 (horário de Brasília). Maduro e Cilia permaneceram sentados e usando fones de ouvido, acompanhando a tradução simultânea, enquanto defesa e promotoria discutiam como custear suas despesas legais. O juiz Alvin Hellerstein é o responsável pelo caso.

A dúvida sobre os honorários e a representação legal de Maduro está colocada desde o início do processo. Ele tinha um advogado nomeado pelo tribunal, que foi substituído por Barry Pollack, que já defendeu Julian Assange, o fundador do Wikileaks. O regime venezuelano quer arcar com as despesas, mas isso requer autorização dos EUA.

A defesa pediu ao juiz que

adiasse o processo criminal até que a questão dos honorários advocatícios seja resolvida. O advogado de Maduro argumenta que não permitir o pagamento viola o direito dos dois réus à assistência jurídica.

O juiz prometeu emitir uma decisão em breve sobre o tema, mas afirmou que não irá arquivar o caso. Ele também disse não considerar Maduro "uma ameaça à segurança nacional" dos EUA.

Os advogados também mencionaram que Cilia estava com a saúde debilitada e aguardava o resultado de um exame do coração.

Enquanto o venezuelano estava no tribunal, o presidente americano, Donald Trump, afirmou que Maduro enfrentará outras acusações judiciais posteriormente. "Ele foi processado por apenas uma fração das coisas que fez. Outras acusações serão apresentadas, como vocês provavelmente sabem", disse o republicano a repórteres antes de uma reunião de gabinete na Casa Branca.

A Venezuela solicitou à ONU a libertação imediata de Maduro, que foi capturado em uma incursão dos EUA em 3 de janeiro, que incluiu bombardeios contra Caracas.

Seu filho, o deputado venezuelano Nicolás Maduro Guerra, afirmou que ele e Cilia estão "bem, fortes e otimistas".

"Este julgamento é um julgamento que desde o início já tem vestígios de ilegitimidade devido à captura, sequestro e operação militar de um presidente eleito", disse o deputado à agência de notícias AFP.